

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

**AGRICULTURA FAMILIAR: IDENTIDADE E CULTURA NO
MUNICIPIO DE PEROBAL-PR.**

MATINHOS
2014

LANA KARLA DE ALVARENGA BARRADAS

**AGRICULTURA FAMILIAR: IDENTIDADE E CULTURA NO
MUNICIPIO DE PEROBAL-PR.**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do Curso em Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: ANA CHRISTINA DUARTE PIRES

MATINHOS
2014

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	05
2- OBJETIVOS.....	05
2.1 OBJETIVO GERAL.....	05
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	05
3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	06
4- METODOLOGIA.....	07
5- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
6- CONCLUSÃO.....	13
REFERÊNCIAS.....	14
APÊNDICES E ANEXOS.....	15

AGRICULTURA FAMILIAR: IDENTIDADE E CULTURA NO MUNICÍPIO DE PEROBAL-PR.

Lana Karla de Alvarenga Barradas
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho busca analisar as relações sociais no processo histórico de produção econômica e cultural da agricultura familiar, seus problemas e potencialidades culturais no Município de Perobal-Pr. Caracterizou-se como estudo de caso, onde a feira Municipal de Perobal e a turma do 4º ano da Escola Municipal Dimas Miranda servirão de base para coleta de dados que colabore para compreensão dessa forma social de produção, baseada na mão-de-obra familiar este estudo, ainda observa que a agricultura familiar é um importante fator de geração de renda e empregos para pequenos agricultores que não possuem oportunidades de emprego nas cidades, a agricultura familiar proporciona a possibilidade de um número maior de famílias trabalhando no campo e conseqüentemente a formação de cooperativas que incentivem a produção, beneficiamento e comercialização de produtos locais.

PALAVRAS CHAVE: Agricultura, família e comércio.

1 INTRODUÇÃO

Para desenvolver este trabalho primeiro foi feita uma revisão bibliográfica com a finalidade de contextualizar a agricultura familiar, na seqüência foi realizada uma pesquisa na feira municipal da cidade onde os agricultores foram entrevistados para fornecer dados para o desenvolvimento deste trabalho e aproveitando a oportunidade de trabalhar na escola onde várias crianças moram no campo, pude realizar atividades relacionadas à agricultura familiar com os alunos do 4 ano onde leciono. Foi realizada uma pesquisa de campo onde busquei a realidade local para suporte do meu trabalho. As famílias que vivem no campo precisam ser valorizadas e respeitadas pelo trabalho que realizam para a sociedade brasileira.

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as relações sociais no processo histórico de produção econômica e cultural da agricultura familiar, seus problemas e potencialidades culturais nas dimensões de gêneros, etnia, geração e de identidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Verificar a multifuncionalidade da agricultura familiar.
- Compreender a importância da agricultura familiar para a sociedade.
- Refletir sobre as relações de trabalho que os sujeitos da agricultura familiar desenvolvem.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Karl Marx, em sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política* inicia afirmando que os indivíduos só produzem em sociedade, por isso a produção é feita por indivíduos sociais (MARX, 1968).

Costa (2005) concorda que o estabelecimento familiar apresenta um caráter indissociável entre a esfera da produção e do consumo, associado a um balanço entre as necessidades da família e a sua disponibilidade interna de trabalho, também concorda que isso diferencia das estruturas produtivas capitalistas. No entanto, esse autor chama atenção de que, embora essa racionalidade interna do estabelecimento familiar seja diferenciada, este se reproduz na realidade social do capitalismo. Enfim, na relação com a sociedade mais geral, o estabelecimento familiar pode encontrar situações mais ou menos favoráveis que tencionam sua capacidade de se reproduzir.

Segundo a Constituição brasileira, materializada na Lei nº 11.326 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar aquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural e que atende requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que 4 módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural. (Congresso Nacional, Lei Nº 11.326/2006)

“Nos fenômenos coletivos contemporâneos, se entrelaçam muitos significados. Só uma sociedade aberta capaz de captar o impulso dos movimentos através dos sistemas políticos de representação e tomada de decisão, pode fazer com que a complexidade e a diferença não sejam violentadas. Manter aberto o espaço para as diferenças é uma condição fundamental para a invenção do presente.” (Alberto Melucci, Milão, junho/1990)

“Na produção, os homens agem não só sobre a natureza, mais ainda uns sobre os outros. Não podem produzir sem colaborar de maneira determinada e sem estabelecer um intercâmbio de atividades. Para produzir, os homens contraem determinados vínculos e relações sociais que se estabelecem a sua ação sobre a natureza, que se efetua a produção.” (MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital*, São Paulo, Global Editora, 1987)

4 METODOLOGIA

A agricultura familiar inclui todas as atividades agrícolas de base familiar e está ligada a diversas áreas do desenvolvimento rural. A agricultura familiar consiste em um meio de organização das produções agrícola, florestal, pesqueira, pastoril e aquícola que são gerenciadas e operadas por uma família e predominantemente dependente de mão-de-obra familiar, tanto de mulheres quanto de homens.

Karl Marx, em sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política* inicia afirmando que os indivíduos só produzem em sociedade, por isso a produção é feita por indivíduos sociais (MARX, 1968).

Tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento, a agricultura familiar é a forma predominante de agricultura no setor de produção de alimentos.

Costa (2005) concorda que o estabelecimento familiar apresenta um caráter indissociável entre a esfera da produção e do consumo, associado a um balanço entre as necessidades da família e a sua disponibilidade interna de trabalho, também concorda que isso diferencia das estruturas produtivas capitalistas. No entanto, esse autor chama atenção de que, embora essa racionalidade interna do estabelecimento familiar seja diferenciada, este se reproduz na realidade social do capitalismo. Enfim, na relação com a sociedade mais geral, o estabelecimento familiar pode encontrar situações mais ou menos favoráveis que tencionam sua capacidade de se reproduzir.

A agricultura familiar tem um importante papel socioeconômico, ambiental e cultural.

Segundo a Constituição brasileira, materializada na Lei nº 11.326 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar aquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural e que atende requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que 4 módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das

atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural. (Congresso Nacional, Lei N° 11.326/2006)

A agricultura familiar representa uma oportunidade para impulsionar as economias locais, especialmente quando combinada com políticas específicas destinadas a promover a proteção social e o bem-estar das comunidades.

“Nos fenômenos coletivos contemporâneos, se entrelaçam muitos significados. Só uma sociedade aberta capaz de captar o impulso dos movimentos através dos sistemas políticos de representação e tomada de decisão, pode fazer com que a complexidade e a diferença não sejam violentadas. Manter aberto o espaço para as diferenças é uma condição fundamental para a invenção do presente.” (Alberto Melucci, Milão, junho/1990)

A agricultura familiar preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

“Na produção, os homens agem não só sobre a natureza, mais ainda uns sobre os outros. Não podem produzir sem colaborar de maneira determinada e sem estabelecer um intercâmbio de atividades. Para produzir, os homens contraem determinados vínculos e relações sociais que se estabelecem a sua ação sobre a natureza, que se efetua a produção.” (MARX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital, São Paulo, Global Editora, 1987)

Pesquisas bibliográficas (leitura e análise de textos) acerca do tema;

Pesquisa de campo (entrevista com agricultores locais e desenvolvimento do plano de aula com a turma do 4º ano)

Construção do texto, com base nas informações coletadas.

CRONOGRAMA:

MESES	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL
PESQUISA DE MATERIAL	X	X	X	X		
INTRODUÇÃO E		X	X			

DESENVOLVIMENTO						
CONCLUSÃO					X	X

PLANO DE AULA/AGRICULTURA FAMILIAR

Objetivo:

- 1) Compreender o conceito de agricultura familiar.
- 2) Refletir sobre o papel da agricultura familiar na economia brasileira quando comparada à agricultura não familiar.

1ª aula: Sensibilizando para o tema

Realizei uma leitura compartilhada do texto “O perigo da semente”, com a turma reunida. Durante a leitura, procurei identificar se os alunos conheciam o ciclo de vida das hortaliças. Alguns alunos não tinham idéia de que as hortaliças são vegetais completos, com raiz, caule, folha, flor, fruto e sementes. Mostrei imagens de hortaliças.

2ª aula: Agricultura familiar e agricultura não familiar

Complementando a etapa anterior questionei os alunos se eles consideram possível o que foi descrito no texto que leram anteriormente. Abri espaço para que eles contassem suas experiências, se na casa deles os familiares costumam plantar hortaliças para consumo próprio. Em seguida, questionei se conhecem o significado de agricultura familiar, esclarecendo esse conceito. Apresentei ainda as diferenças entre agricultura familiar e agricultura não familiar. Para enriquecer esse debate, os alunos buscaram subsídios para esclarecer essas diferenças através de pesquisa em jornais, livros e revistas. Confecção de cartazes sobre agricultura familiar.

O perigo da semente

PUBLICADO 04 DEZEMBRO 2013. EM ECOLOGIA HUMANA

O relato a seguir é verídico e foi adaptado apenas para fins literários

Por Ricardo Philippsen

Tudo começou com uma ideia que parecia inofensiva: A partir daquele dia, na pequena hortinha no fundo do quintal, eu deixaria as hortaliças completarem seu ciclo de vida. Em outras palavras, deixaria elas produzirem sementes. Esperava assim não precisar comprar mudas ou sementes com tanta frequência. Eu não fazia ideia do que aconteceria depois disso. No início fiquei fascinado, descobri flores que eu jamais tinha imaginado existirem, entrei em extase quando vi desabrochar a primeira flor da chicória, de um lilás exuberante ela passou a enfeitar a minha horta. As primeiras sementes vieram, amadureceram, foram colhidas e semeadas.

Ah se eu soubesse... Tudo parecia bem, as mudinhas cresceram como esperado mas algo que eu não tinha previsto começou a acontecer: nem todas as sementes foram colhidas, algumas simplesmente se espalharam desordenadamente pela horta, caíram em canteiros que não lhes tinham sido destinados e foram levadas por pássaros para lugares ainda mais indevidos.

Acabei ficando com dó de arrancar as plantas, não achei que as consequências seriam tão grandes.

Com o passar dos meses fui perdendo o controle, a horta ficou bagunçada. Alface nascia do lado do tomate, as cenouras brotavam por toda parte, framboesas e physalis cresciam ao pé de outras árvores e os canteiros de flores da minha mãe agora estavam infestados de comida.

Talvez eu devesse ter parado mas acabei me acostumando com a ideia e deixei a natureza seguir o seu curso.

Com o tempo não era mais apenas a bagunça, eu tinha um outro problema, a horta tinha se alastrado por todo o pátio. O pátio até que ficou bonito, começou a chamar a atenção, e para não fazer feio começamos a

caprichar cada vez mais, eu não poderia admitir pros vizinhos que eu não estava no controle, comecei então, eu mesmo, a fazer canteiros.

Mais um problema. A produção ficou grande demais, e como todo mundo sabe, é pecado jogar comida fora. A solução, ou assim eu pensava, foi dar o excedente aos vizinhos. Ruibarbo para um, espinafre para o outro e em pouco tempo eu tinha as crianças dos vizinhos grudados na cerca pedindo morangos. Dias depois observei uma dessas crianças andar de um lado para o outro com uma enxada na mão, achando que aquilo era algo a ser copiado.

E não foi só isso, os vizinhos não entenderam nada. Ao invés de perceber que eu estava tentando me livrar das sobras eles ficaram felizes, vinham para a cerca conversar e insistiam em retribuir. Quando não era um convite para o café, um pacote de biscoito caseiro ou um pedaço de torta das frutas da minha horta, era um casaco que tava sobrando ou alguma outra coisa que eu talvez pudesse usar.

Para me livrar das folhas que já não serviam para consumo eu jogava elas por cima da cerca para as galinhas de um dos vizinhos. Em pouco tempo começaram a chegar os ovos para retribuir.

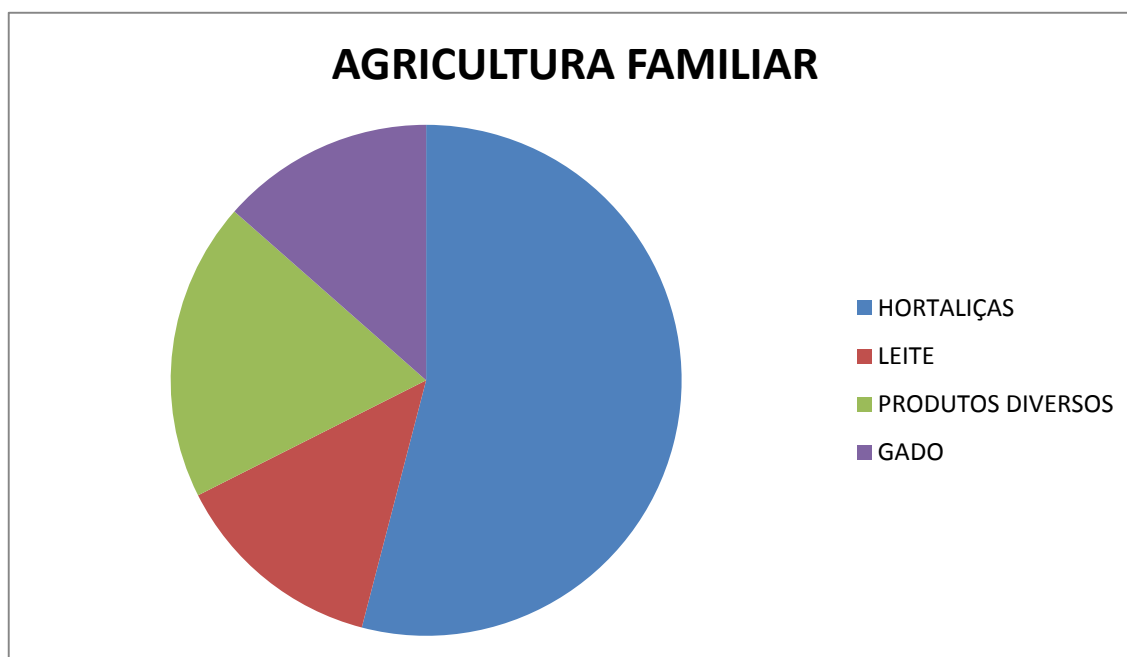
Um amigo resolveu agradecer doando esterco das suas vacas. Ovos valem mais do que restos de folhas, esterco mais do que as poucas verduras, logo, eu tenho que dar mais verduras, mas e depois? Ganho mais esterco, minha horta produz mais e eu tenho que achar outra pessoa para quem dar mais hortaliças.

Entrei em um ciclo vicioso. Cada vez mais comida, cada vez mais sorrisos, mais conversas e mais sementes. Já não preciso mais ir ao mercado comprar hortaliças, faz anos que eu ganho tanta roupa que não posso mais ir ao shopping comprar minhas próprias, passo tanto tempo na horta que mal sobra tempo para a internet, nem lembro quando foi a última vez que eu assisti televisão.

Sinto que eu estou perdendo o controle das coisas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A minha turma do quarto ano do ensino fundamental a maioria filhos de agricultores locais gostou das aulas onde puderam aprender mais sobre o trabalho que suas famílias desenvolvem no campo e valorizar o lugar onde vivem. Segundo entrevista feita com os agricultores que comercializam seus produtos na feira da cidade de Perobal, as famílias são responsáveis pela produção da propriedade, na feira é comercializado vários tipos de hortaliças, pães, doces, queijos e outros produtos oriundos da agricultura familiar. A venda destes produtos garante a sobrevivência da família que almejam que os filhos ingressem na universidade e continuem morando perto deles. A propriedade significa para eles uma ferramenta de trabalho, alguns participam de programa do governo de apoio a agricultura familiar como: compra direta, PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e estão satisfeitos com o programa que veio auxiliar os agricultores com financiamentos com juros menores para a utilização na manutenção do trabalho no campo.



6 CONCLUSÃO

No Brasil, 12,3 milhões de trabalhadores no campo encontram-se em estabelecimentos de agricultura familiar, representando quase 75% das pessoas ocupadas no meio rural, demonstrando que as atividades do sector primário são uma importante forma de fixar o homem no campo, evitando a sua migração para os grandes centros urbanos e todas as conseqüências nefastas advindas. Em termos simples, trata-se de valorizar a atividade agri-silvi-pastoril, assegurando o desenvolvimento local e regional, de forma a evitar que o homem rural passe da pobreza do campo para a miséria da cidade.

A agricultura familiar é responsável pela produção dos principais alimentos consumidos pela população brasileira: 84% da mandioca, 67 % do feijão, 54 % do leite, 49 % do milho, 40 % de aves e ovos e 58 % de suínos. No Nordeste a agricultura familiar é responsável por 82,9 % da ocupação de mão-de-obra no campo. (cf. BNB, Pronaf, agricultura familiar). Para além dos produtos referidos, encontramos produção familiar de arroz, caprinos, algodão, fumo, cana de açúcar, soja, trigo, frutas e produtos diversos provenientes da silvicultura e extrativismo vegetal.

Na cidade de Perobal a Emater é responsável pela agricultura familiar, a mesma, dividiu os produtores em grupos, uns com plantio de mandioca, outros horta e fruticultura e os outros gados de leite, a Emater disponibiliza aos produtores um engenheiro agrônomo e um técnico para dar assistência aos produtores, oferecem este trabalho para aumentar a produção de alimentos em menos espaço de terra e assim poder aumentar o ganho do pequeno produtor. O governo entra com técnica e assistência e os produtores com o trabalho, assim aumentando a qualidade de vida do homem do campo para que ele satisfeito, não mude para cidade onde muitas vezes não consegue trabalho por falta de capacitação e acaba nas periferias das grandes cidades.

No município de Perobal onde foi realizado o presente trabalho, as famílias trabalham na produção, onde esta é comercializada na feira local o que mantem a sobrevivência do homem no campo. Apesar das dificuldades encontradas no trabalho no campo os agricultores estão se unindo para

conquistarem melhor qualidade de vida e valorização pessoal. Enfim, almejam um futuro melhor para seus descendentes.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <http://www.terraquente.net/agricultura-familiar-e-modelos-de-desenvolvimento-sustentavel> acesso dia 29 de março de 2014.

Disponível em <HTTP://www.mundoeducacao.com/geografia/agricultura-familiar.htm>. Acesso dia 04 de novembro de 2013.

Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming-2014/pt/> acesso dia 29 de março de 2014.

Disponível em: <http://biowit.wordpress.com/2013/11/15/o-perigo-da-semente/>

MEDEIROS, Leonilde S. História dos movimentos sociais no campo. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo. Introdução. In: MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (org.).

Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da

história. São Paulo: Ed. Unesp/Brasília: MDA/NEAD, 2008. (Coleção História Social do

Campeinato no Brasil).

ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. Reconstruindo a agricultura. Porto Alegre: Editora da

Universidade/UFRGS, 1997.

REGO, José Marcio. MARQUES, Rosa Maria (org.) et al. Economia Brasileira. 2 ed.

São Paulo: Saraiva, 2003.

SOUZA, Nali de Jesus de. Desenvolvimento Econômico. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

Disponível em: <http://biowit.wordpress.com/2013/11/15/o-perigo-da-semente/>

APÊNDICES E ANEXOS:

VAGNER PIAGENTINI CHAMPAM

Questionário

1-Sexo: () F (X) M

2 -Idade: (X) até 30 anos () entre 31 e 50 () mais de 51 anos

3-Quantos filhos você tem? 2

4-O que você deseja para o futuro deles?

- () que trabalhem no campo
 () que somente os homens fiquem no campo
 () que as mulheres se casem
 (X) que eles ingressem na universidade
 () que continuem morando perto de você
 () que eles mudem de cidade

5-O que sua propriedade significa pra você?

- () é um patrimônio da minha família
 (X) é minha ferramenta de trabalho
 () um bem que posso vender a qualquer momento

6- Quem trabalha na sua propriedade?

- (X) somente a família () trabalhadores assalariados

7- O que você produz?

HORTALIÇAS E LEGUMES

8- Você necessita de empréstimos para manter ou aumentar sua produção?

- (X) SIM () NÃO

9- Você produz para atender o mercado (feira) ou é comercializado somente o excedente de sua produção?

- (X) Mercado () Excedente

10- Toda a sua renda vem da comercialização de seus produtos?

- (X) SIM () NÃO Qual: 2 SALARIO

11- Você participa de algum programa do governo de apoio a AGRICULTURA FAMILIAR? Qual? E está satisfeito com o programa?

SIM PRONAF - tratores solidario - SIM Satisfeito

Obrigada pela sua colaboração!

Lana Karla de Alvarenga Barradas

Curso de Pós-graduação em Educação do Campo da UFPR.

